

Cidade: **Sobral** Estado: **CE**

Palha da Carnaúba: na arte de tecer (re) conhecemos a história de Sobral

**Professor Me. Raimundo Nonato Rodrigues de Souza e Professor Me. Adauto Neto Fonseca Duque
Professora Me. Maria Rejane Reinaldo**

A ocupação do território do município de Sobral por populações humanas está registrada nas diversas pinturas rupestres espalhadas em pedras de cavernas no distrito de Taperuaba e nas urnas funerárias encontradas no sítio de Frederica Gonçalves, no distrito de Jordão. Informações sobre essas populações indígenas foram dadas por cronistas, missionários, funcionários reais ou em relatos de memorialistas que escreveram sobre a vida de Sobral.

A presença de populações indígenas no Vale do Acaraú, também foi registrada por padres que percorreram estas paragens em busca de salvar as almas dos nativos ou registrando sua flora, fauna, populações nativas e seus recursos minerais. Nesses relatos falam da natureza e dos recursos que os nativos utilizam para construir casas, suas roupas, mobílias e adereços, especialmente a utilização do uso da palha da carnaúba para fazerem a cobertas de suas casas e na confecção de esteiras..

Com a ocupação do território por populações vindas de outras capitânicas ou de Portugal, muitos desses novos moradores também passaram a utilizar a palha de carnaúba na cobertura de suas casas, nas suas esteiras, na confecção de utensílios para guardar alimentos para si e seus animais. Estes tiveram que aprender com os nativos a beneficiar e tecer a palha, trocar e até a comprar os objetos para suas moradas.

O historiador Tomas Pompeu Sousa Brasil ao descrever modos da “gente” do Ceará não poupa referências ao uso da palha da carnaúba como produto que fortalece a economia local. E, a Comissão Científica nomeada para promover a exposição dos produtos cearenses em Chicago, viajando pelo interior da província no século XIX, destaca o uso da palha de carnaúba de cuja “folha, em forma de leque, produz, quando seca, excelente palha, de que fabricam chapéus, urus, esteiras, de uso geral em toda a província, nas classes menos abastadas”. O uso da palha ganha inclusive espaço no mercado internacional e “pelo porto de Aracati algumas casas comerciais francesas, começaram a exportar dessa palha e de artefatos feitos com ela para o Havre”.

Na região de Sobral o uso da palha tinha fins diversos, mas não diferenciava do restante do Ceará, mas a ocupação das terras com os criatórios de gado estabelece o conflito pela posse da terra, da cultura e dos costumes locais. Os sesmeiros viam a terra como possibilidade de produção de alimentos, gados e de riquezas, portanto, a presença da carnaúba atrasava o desenvolvimento de suas atividades, mas ainda assim, recorriam a sua palha para as construções. Conforme apresenta o historiador Capistrano de Abreu os proprietários vão estabelecendo seus currais e suas moradas, utilizando (...) pouco nada a superfície da terra, tudo se conserva quase no primeiro estado; levanta uma casa coberta pela maior parte de palha, está povoada três léguas de terra.

Destacamos nesse espaço a forte presença indígena e negra que no ato do trabalho e do povoamento fundaram nessas “paragens” uma “civilização da palha”. Segundo o historiador Francisco José Pinheiro a expropriação das terras sobralenses e a escravidão transformou os indígenas em trabalhadores para o uso na pecuária, em serviços do governo, como mensageiros do correio a cavalo, sendo, também empregado nas guerras com outros indígenas ou nas disputas entre potentados locais, mas, em especial, utilizados pelos proprietários para suprir a necessidade da mão-de-obra, para o criatório e os afazeres domésticos.

E, de acordo com o historiador Eurípedes Funes “a medida que a ocupação do Ceará foi se efetivando (...) consolidou-se um espaço de trabalho que atraiu um contingente de homens livres, em sua maioria pobres, negros e pardos, vindos de províncias vizinhas, na condição de vaqueiros, trabalhando no sistema de quarta, ou como morador e agregado junto às fazendas de criar. Num segundo momento, com o surto da lavoura algodoeira, ainda em meados do século XVIII, acentou uma demanda de mão-de-obra configurando-se uma maior presença do trabalhador livre, como também do escravo africano”.

Visualizamos, portanto, um espaço historicamente construído na presença negra e indígena. A redução dos nativos em aldeamentos religiosos proporcionou um controle sobre o fazer das atividades que envolviam tradições e costumes locais, agora incorporados pelos novos ocupantes do lugar. Nesse contexto, o uso da palha foi ampliado para a produção de chapéus para proteger os europeus e seus descendentes do calor, tão comum por essas “paragens”.

Hábitos novos e antigos vão se mesclando nesse caldeirão que sincretiza o povo do Acaraú. Entre esses hábitos o uso do chapéu aparece em destaque, pois os grandes carnaubais forneciam a matéria-prima para confeccionar esse objeto que passa a ser utilizado pela grande maioria da população, no dia-a-dia, nas roças e nos passeios.

Com a proliferação do uso de chapéus pelos moradores das localidades acarauenses, vai-se constituindo um número de pessoas especializadas na atividade de tecer chapéus e esteiras. Os artesãos utilizam como local de trabalho suas casas e comercialização nas feiras locais. Devido a grande produção desses artigos Sobral passa a vender para outras localidades cearenses. Os produtos feitos com palha passam a fazer parte do comércio atacadista, no mesmo patamar do algodão, couros, carnes e farinhas.

Na segunda metade do século XX, a cidade de Sobral começa a exportar chapéus para outros países, inclusive incorpora novas técnicas para que possa suprir as exigências do mercado internacional. Dessa forma, a cidade passa a ser reconhecida como capital mundial do chapéu.

Com a crise da produção de chapéus na década de 1980, muitos dos artesãos permaneceram produzindo somente para abastecer o mercado sobralense e suprir a região nordeste. A produção, entendida como artesanal, ficou reduzida a confecção de chapéus, esteiras e surrões.

Na década atual atividade artesanal ligada a palha da carnaúba ganha uma maior ampliação e incentivo de órgãos governamentais como a prefeitura de Sobral e Sebrae. Para tanto foram promovidos seminários, cursos de capacitação e gestão de empreendimento familiar, são esforços no sentido de desenvolver a produção e a diversificação do artesanato em palha. Vistos que os produtos começam a ganhar destaque, tendo como maiores consumidores turistas nacionais ou estrangeiros, os artesãos começam acreditar novamente na valorização da atividade. Por conta dessa realidade começam a se organizar e constituir associações para dinamizar, otimizar e fortalecer a produção.

Todavia, a ampliação e melhores lucros depende da diversificação dos produtos, aprendizagem de novas técnicas e aperfeiçoamento na fabricação de bolsas, carteiras, coberturas de móveis, tapetes, pasta para eventos e roupas. Também está sendo pensado e em fase experimental a utilização de outros materiais como couro, tecidos e madeira em associação com a palha no sentido de agregar valor ao produto final, pois para muitas famílias o artesanato tornou-se a principal fonte de renda.

Enfim, tão bela, sensível e peculiar quanto o artesanato é a História de Sobral contada através da trajetória da utilização da palha de carnaúba, demonstrando a riqueza do saber ancestral, transformando em elementos definidos da cultura de um povo.